

CAUSATIVIDADE EM MATIS (PANO)

CAUSATIVITY IN MATIS (PANOAN)

Wesley Nascimento dos Santos¹

Resumo: Descrevo brevemente as estratégias utilizadas pela língua Matis (Pano) na realização do processo morfológico conhecido como causatividade. Diferentemente da descrição de Ferreira (2005), para o qual o Matis possui somente um tipo de causativo, o sufixo {-me}, mostro que essa língua dispõe, na verdade, de dois mecanismos morfológicos para a codificação da causatividade, quais sejam {-me} e {-wa}. O primeiro aparenta ser produtivo com todos os tipos de verbos, enquanto o segundo se restringe a verbos de mudança de estado. Os dados para essa nova proposta são primários e foram coletados com um falante nativo da língua. Os demais aspectos da morfossintaxe do Matis e a causatividade com {-me} vão de encontro à descrição de Ferreira (op. cit.).

Palavras-chave: Família Pano. Língua Matis. Valência. Causatividade

Abstract: This paper analyses the strategies available in Matis (Panoan language) to display a causal relation, that is, the well-know process called causativity. Unlikely Ferreira (2005), whom describes only one formal type of causativity in Matis, the suffix {-me}, I show that in Matis there are two suffixes to codify causativity, which are the already mentioned suffix {-me} and {-wa}. The former looks to work with all verbs, transitives and intransitives, although the later is restricted to inchoative verbs. Our data for this analyse are original and were collected with a native speaker. Furthermore, I follow the morphosyntax described in Ferreira (2005) for Matis and take in account some of his data for causativity with {-me}.

Keywords: Panoan Family. Matis language. Valence. Causativity

Introdução

A língua Matis pertence à família Pano, para a qual são descritas, em geral, 30 línguas (FLECK, 2013). É classificada (FLECK, op. cit., 11-12) no ramo Mayoruna, conjunto de línguas Pano localizado mais ao norte da América do Sul, e, portanto, com maior relação de parentesco às demais línguas Pano faladas nessa região, quais sejam, Matsés, Kulina, Demushbo e Korubo. Em Ferreira (2005) é reportado um total de 265 falantes de Matis, os quais estão situados ao norte do estado brasileiro do Amazonas, próximos à cidade de Tabatinga.

Este trabalho descreve brevemente a causatividade a partir de uma perspectiva tipológico-funcional. Alguns dados utilizados são primários e foram coletados junto a um colaborador falante nativo da língua que, atualmente, reside na cidade de Anápolis, a 45 km de Goiânia/GO. Quando necessário, também são referidos os dados em Ferreira (2005). Além

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: wesley.nascimento.go@gmail.com

disso, é assumido o inventário fonológico, bem como a descrição morfossintática da língua propostos pelo autor, para a análise desses dados

Como demonstro, diferentemente de Ferreira (op. cit., 112-113), a causatividade não é expressa somente por um morfema de estrutura {-me} em Matis. Há, também, outro morfema causativo, {-wa}. É interessante notar que uma estrutura cognata a esta é utilizada em adjetivos a fim de verbalizá-los (FERREIRA, op. cit., p. 161). O primeiro tipo de causativo, com {-me}, é mais geral e, portanto, mais produtivo, pois ocorre com todos os tipos de verbos. O segundo, {-wa}, no entanto, é menos produtivo, e sua ocorrência parece estar restrita a verbos de mudança de estado.

O restante do texto se estrutura em (i) apresentar alguns aspectos morfossintáticos do Matis; (ii) definir a causatividade; (iii) mostrar como se dá a causatividade em Matis. Complementam-no as considerações e as referências utilizadas.

1 Aspectos morfossintáticos do Matis²

O Matis é uma língua predominantemente aglutinante, com preferência à sufixação; os casos de prefixação são morfemas de partes do corpo, com função locativa. A ordem preferencial de constituintes é AOV/SV. As palavras, em sintagmas nominais, a ordem é [possuidor-{n} possuído], em animados, enquanto [possuidor possuído], em não-animados. Os argumentos principais são alinhados com base num sistema ergativo-absolutivo, com marcação de caso ergativo em nomes e pronomes por meio do sufixo {-n}, que varia com {-in} quando a raiz termina em consoante. O absoluto é expresso por um morfema-zero, {-∅}.

2 Causatividade

A causatividade é definida, em geral, como uma operação morfológica a partir da qual se introduz um argumento suplementar à estrutura básica de uma sentença, intransitiva ou transitiva. Esse novo argumento, semanticamente, é entendido como o causador (*causer*)

² Abreviaturas utilizadas: 1 (pronome de primeira pessoa), 1/2 DECL (primeira ou segunda pessoa declarativo), 2 (pronome de segunda pessoa), 3 (pronome de terceira pessoa), ABS (caso absoluto), CAUS (causativo), ERG (caso ergativo), EXP (experencial), INCON (inconcluso), INFER (inferencial), N.PASS (não-passado), O (objeto), -O>A/S (o argumento objeto da oração principal é agente/sujeito da encaixada), OBL (oblíquo), P (paciente), PASS.REC (passado recente), PL (plural), POSS (possessivo), S (sujeito), SG (singular), VBZR (verbalizador).

que desencadeia a ação do verbo principal (CREISSELS, 2006, p. 10). Esse fenômeno também é considerado como uma operação de mudança na estrutura do evento denotado pelo verbo principal (HASPELMATH & SIMS, 2010, p. 241). Em suma, trata-se de uma mudança na valência do verbo para acomodar o novo argumento.

Dixon (2000, p. 34) apresenta uma breve tipologia dos mecanismos formais utilizados pelas línguas para expressar esse fenômeno. Dentre estes, há os que podem envolver processos fonológicos, morfológicos ou morfofonológicos, quais sejam: (i) mudança interna; (ii) repetição consonantal; (iii) alongamento vocálico; (iv) alteração de tom; (v) reduplicação; (vi) prefixação; (vii) sufixação; e (viii) circumfixação.

Apesar de ser um fenômeno morfológico, a causatividade tem consequências no nível sintático e sua distribuição geralmente tem motivação semântica. Neste sentido, é interessante observar como se comportam os argumentos de uma oração, seja intransitiva ou transitiva, quando desta se deriva uma oração causativa, aplicando-se alguns dos processos formais citados acima.

No caso de orações intransitivas, toda língua, virtualmente, tem a opção de marcar o argumento S³ como argumento O na oração causativa derivada. Outras línguas, é claro, podem fazê-lo diferente. É o caso do Japonês, que pode marcar o S original como O, no caso acusativo - por meio da posposição *o* -, bem como no dativo - com a posposição *ni*. A essa distribuição de marcação subjaz uma diferença semântica: quando marcado como dativo, o S realiza a ação do verbo com deferência, ou seja, de bom gosto; o que não é o caso quando marcado pelo acusativo, quando suas intenções não são levadas em conta (*apud* DIXON, 2000, p.45).

Em Wayana (Carib), língua que exhibe intransitividade cindida, quando uma oração transitiva é causativizada, o argumento marcado como O na oração base mantém sua marca, enquanto o A da oração original é marcado com o sufixo {-ya}, do caso dativo. Em intransitivas, as causativas correspondentes se comportam da seguinte forma: o S original, marcado morfológicamente como O na transitiva, quando causativizado, recebe marca de O; o S marcado formalmente como A na transitiva, quando causativizado, é marcado com o sufixo {-ya}, assim como o A original numa oração de verbo transitivo causativizada (TAVARES, 1995 *apud* DIXON, 2000: 46).

³ As noções de sujeito (S), objeto (O) e agente (A) são entendidas, neste trabalho, em termos de prototipicidade, de modo que S é o argumento único de uma oração intransitiva. Numa oração transitiva, A é o argumento que inicia ou controla a ação descrita pelo verbo, enquanto O é o argumento que é afetado pela atividade verbal descrita (DIXON, 2000, p. 2-3).

Em orações transitivas, a maneira como se comportam os argumentos é ainda maior. Logicamente, há cinco possibilidades, tal como atestadas nas línguas. O quadro 1, a seguir, mostra quais são estas.

<i>Tipo</i>	<i>Causer</i>	<i>Causee (Original A)</i>	<i>Original O</i>
(i)	A	marca diferente	O
(ii)	A	A	O
(iii)	A	O	O
(iv)	A	O	OBL
(v)	A	OBL	OBL

Quadro 1. Possibilidades de marcação argumental em causativas derivadas (DIXON, 2000, p. 46)

Com isso, tem-se que, em todos os casos, o novo argumento introduzido, identificado como *causer*, é marcado como A. As diferentes possibilidades de marcação ocorrem com o *causee* e o argumento marcado como O na oração original.

3 Causatividade em Matis

Em Ferreira (2005), como já apontado anteriormente, o autor descreve que o Matis apresenta um tipo formal de causativo. Como comum em línguas aglutinantes, esse processo é do tipo morfológico, realizado por meio do sufixo {-me}, que se anexa à raiz verbal principal. Como informa o autor, “o sufixo causativo {-me} é muito produtivo na língua e seu uso, aparentemente, ocorre com qualquer tipo de raiz verbal (transitiva ou intransitiva)” (p. 111). Os exemplos de Ferreira (2005, p. 111-112) são os que seguem:

- (1a) Dani nesek
Dani -Ø nes- -e -k
Dani -ABS. banhar- -N.PASS. -DECL.
'A Dani toma banho'
- (1b) awin t̥ʉt̥ʉn nesmeek Dani
awi -n t̥ʉt̥ʉ -n nes- -me -e -k Dani -ø
3P.SG. -POSS. irmã+velha -ERG. banhar- -CAUS. -N.PASS. -DECL. Dani -ABS.
'Sua irmã mais velha fez a Dani banhar'
- (2a) nukun t̥ʃanpi winek
nukun t̥ʃanpi -Ø win- -e -k
1P.SG.POSS. filha -ABS. chorar- -N.PASS. -DECL.
'Minha filha está chorando'
- (2b) inbi nukun t̥ʃanpi winmeak
inbi nukun t̥ʃanpi -Ø win- -me -a -k
1SG.ERG. 1SG.POSS. filha -ABS. chorar- -CAUS. -PASS.REC. -1/2:DECL
'Eu fiz minha filha chorar'
- (3) inbi Binan tanawameʃo isak
inbi Bina -n tanawa -me -ʃo is- -a -k
1SG.ERG Bina -ERG. ensinar -CAUS. -O>A/S ver- -PASS.REC. -1/2:DECL.
'Eu vi o Bina ensinar'
- (4) nawan t̥ʃanpin awin wapa pemeaʃ
nawa -n t̥ʃanpi -n awin wapa -ø pe- -me -a -ʃ

não-índio -POSS. menina -ERG. 3.SG.POSS cachorro -ABS. **comer-** -CAUS. -PASS.REC. -3.EXP.
A filha do não-índio alimentou seu cachorro.”

Como vemos, (1b) e (2b) mostram que {-me} se anexa a bases não-derivadas dos exemplos (1a) e (2a), ‘banhar’ e ‘chorar’, que são raízes intransitivas, assim como (3). A oração em (4), por sua vez, é um exemplo de {-me} com verbo transitivo, ‘comer’.

O uso desse morfema mostra, em todos esse exemplos, a alteração da valência verbal da raiz a qual se afixa, aumentando a sua valência em + 1, o que fica claro por meio da marcação de caso ergativo do argumento introduzido na estrutura argumental, enquanto o sujeito original é demovido para a posição imediatamente disponível na estrutura argumental do verbo, marcado com caso absolutivo. No exemplo (3) temos dois argumentos marcados com caso ergativo, no entanto, como se pode notar por meio da marcação de *switch-reference* no verbo da oração subordinada, {-ço}, trata-se de uma oração complexa, em que o argumento é O da oração principal é o A ou S da subordinada (-O>A/S).

Isso posto, em trabalho de campo realizado com um falante nativo da língua Matis, a ocorrência de {-me} foi categórica quando da elicitación de construção causativas. Ou seja, {-me} sempre ocorria com verbo transitivo ou intransitivo. Por questões de espaço, não são ilustradas neste texto as referidas construções, dado que o funcionamento dos argumentos na construção causativa derivada se dá tal como os exemplos de Ferreira (op. cit.) ilustram.

No entanto, com dois verbos, quais sejam, ‘ferver’ e ‘crescer’, o resultado da elicitación foi diferente. Vejam-se os exemplos a seguir:

(5a) nuki waka **kinwa**
nuki waka-Ø **kin-wa**
2P.PL água-ABS ferver-fazer
‘nós fervemos a água’

(5b) inbi bakui **widinewa**
inbi bakui-Ø **widine-wa**
1SG-ERG criança-ABS crescer-fazer
‘eu fiz a criança crescer’

Como se pode ver por esses exemplos, o morfema que se anexa à raiz é um morfema de estrutura {-wa}. Com isso, o problema que surge é se, de fato, estamos diante de um verbo sufixado com um morfema causativo, dado que uma estrutura cognata é encontrada no trabalho de Ferreira (op. cit.), a qual funciona como um verbalizador nessa língua, que se anexa a nomes e a adjetivos, respectivamente, exemplos (a) e (b):

(6a) wen nukun datonkete **wakawaaş**
we -n nukun datonkete -Ø **waka -wa -a -ş**
chuva -ERG. 1SG.POSS. camisa -ABS. **água -VBZR. -PASS.REC. -3.EXP.**
“A chuva molhou minha camisa.”

(6b) nukun papi **bidawatşakanak**
nukun papi -Ø **bida -wa -tşakan -a -k**

ISG.POSS. filho -ABS. **bom** -VBZR. -INCON. -PASS.REC. -3:INFER.
“Meu filho ficou quase bom.”

A primeira prova de que estamos diante de um verbo em (5a) é a partir da comparação com a oração (6a). Nesta, a palavra /waka/ ‘água’ ocorre naquela marcada com absolutivo, um morfema-zero {-ø}, em Matis. Além disso, poderíamos também imaginar que a palavra que recebe o morfema sob suspeita, na verdade, é um adjetivo, cujo significado é ‘quente’. Dessa forma, a glosa dada em (5a), “nós fervemos a água”, seria “nós fizemos a água quente”. No entanto, /kin/ não é um adjetivo que recebe o sufixo {-wa}, já que ‘quente’, em Matis, é /itʃis/. Em (5b), de igual maneira, /widine/ não é o adjetivo ‘alto’, o que resultaria numa glosa como “eu fiz a criança ficar no alto”, pegando-a nos braços e suspendendo-a, por exemplo. Isso porque ‘alto’, em Matis, é /ʃunuN/.

Portanto, o morfema que se anexa aos verbos kin ‘ferver’ e widine ‘crescer’ pode ser analisado como um causativo do tipo morfológico. Ademais, dada a restrição a qual esse morfema apresenta, podemos, por meio da semântica das raízes a qual se anexa, postular que sua ocorrência, em raízes verbais, se limita a verbos de mudança de estado.

Considerações

Como vimos, Ferreira (2005) descreve que a língua Matis apresenta um único tipo de causativo, realizado sob a estrutura {-me}, o qual ocorre com todo tipo de verbo, transitivo e intransitivo. No entanto, por meio de alguns dados coletados com um falante nativo da língua, constatamos que há outro morfema, {-wa}. Dada a sua restrição nos dados de que dispomos, verificamos que sua ocorrência está relacionada a verbos de mudança de estado. Observamos, também, que uma estrutura cognata deste morfema é encontrada em nomes e adjetivos, cuja função é a de verbalizá-los.

Referências

- CREISSELS, Denis. *Syntaxe générale: une introduction typologique 2*. Paris: Hermes Science Publications, 2006. 323 p.
- DIXON, Richard. M. W. A typology of causatives: form, syntax and meaning. In: DIXON, R. M. W. e AIKHENVALD, Alexandra Y (eds.). *Changing valency: case studies in transitivity*. Melbourne: Cambridge University Press, 2000. p. 30-79.
- FERREIRA, Rogério V. *Língua Matis (PANO): uma descrição gramatical*. 316 p. Tese. (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas, 2005.

FLECK, David W. *Panoan languages and linguistics*. New York: Anthropological papers of the American museum of natural history, 2013. 114 p.

HASPELMATH, Martin; SIMS, Andrea D. Morphology and Valence. In: _____. *Understanding Morphology*. 2 ed. London: Hodder Education, 2010. p. 234-264.

TAVARES, Petronila. Causation in Wayâna (Cariban). *Handout* - apresentado em encontro da Sociedade para o Estudo das Línguas Indígenas das Américas, ocorrido na Universidade do Novo México, 1995.

Artigo recebido em: 04/06/2017

Artigo aceito em: 12/07/2017